

**ANÁLISE DOS DESDOBRAMENTOS DO ARTIGO  
“BELA, RECATADA E DO LAR”:  
UM OLHAR FEMININO SOBRE O TEXTO  
DE JULIANA LINHARES PUBLICADO EM VEJA**

*Graziela Borguignon Mota (UVA)*  
[borguignon.graziela@gmail.com](mailto:borguignon.graziela@gmail.com)  
*Marcella da Silva Delgado (UVA)*  
[marcellanandodel@gmail.com](mailto:marcellanandodel@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como tema a análise dos desdobramentos do “Bela, recatada e do lar”, de Juliana Linhares publicado na revista *Veja*. Para realizar esta análise, é necessário refletir sobre o papel das representações sociais, conceituado por Serge Moscovici (2001) e Denise Jodelet (2001), como também sobre os critérios pragmáticos da textualidade, abordados pela linguística textual e propostos por Robert-Alain Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1983). O *corpus* desta pesquisa é constituído por quatro textos do gênero textual artigo de opinião do tipo argumentativo. Os textos foram publicados em abril de 2016, quando ocorreu a votação no Plenário da Câmara, decidindo pelo afastamento de Dilma Rouseff da presidência, tornando Michel Temer o presidente interino. A intenção da pesquisa é apresentar o contexto social da época das publicações, com vistas a desvelar de que maneira as representações sociais são construídas dentro desses textos e apresentar os recursos linguísticos utilizados pelas autoras, bem como os operadores argumentativos.

**Palavras-chave:**

Linguística textual. Artigo de opinião. Representações sociais.

**ABSTRACT**

The present work has as theme the analysis of the unfolding of "Bela, recatada e do lar", of Juliana Linhares published in the magazine *Veja*. To make this analysis, it's necessary think about the role of the social representations, conceptualized by Serge Moscovici (2001) and Denise Jodelet (2001), as well about the pragmatic criteria of textuality, addressed by the textual linguist and proposed by Robert-Alain Beaugrande and Wolfgang Ulrich Dressler (1983). The *corpus* of this research is constituted by two texts that belongs to the textual genre article of opinion and labeled as argumentative, as to the textual type. The texts were published in the same week of April 2016, marked by a vote in the House Plenary, which decided on Dilma Rouseff's resignation from the presidency of the country and the possibility that Michel Temer, then vice-president, would become acting president. The intention of the research is to present the social context of the time of the publications, with a view to revealing how the social representations are constructed within these texts and to present the linguistic resources used by the authors, as well as the argumentative operators.

**Keywords:** Textual Linguistic. Opinion article. Social representations.

## **1. Introdução**

O feminismo se tornou um tema bastante discutido na contemporaneidade. O movimento feminista, a despeito de suas propostas atuais, já soma anos de história. Diante de um cenário de desigualdade entre homens e mulheres, a busca por liberdade e equidade motivou o surgimento desse clamor. O feminismo tem início, no Brasil, na década de 1970, quando está instaurada a ditadura militar, que se opõe fortemente ao movimento, por considerar que as manifestações femininas poderiam gerar problemas políticos e morais.

Com vistas a refletir sobre as representações sociais, especialmente no que diz respeito ao universo feminino, esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem a intenção de observar as representações atribuídas à figura de Marcela Temer no texto “Bela, recatada e do lar” de Juliana Linhares, publicado na revista *Veja*, como também um de seus desdobramentos (textos que surgiram com a possível intenção de se contrapor ao primeiro), publicado na revista *Carta Capital*, produzido pela filósofa e escritora Djamilia Ribeiro.

Nesta pesquisa, serão analisados dois textos pertencentes ao gênero textual “artigo de opinião” e classificados como argumentativos, quanto ao tipo textual. Ambos os textos foram publicados na mesma semana do mês de abril de 2016, marcada pela votação ocorrida no Plenário da Câmara, que decidiu pelo afastamento de Dilma Rousseff da presidência do país e a possibilidade de Michel Temer, então vice-presidente, tornar-se presidente interino.

É possível inferir que o texto “Bela, recatada e do lar” foi escrito com a intenção de construir uma representação social de Marcela Temer, enaltecendo-a como a mulher perfeita, delimitando também o comportamento dela como um modelo/padrão, no qual todas as mulheres brasileiras deveriam se enquadrar. O fato de a maioria de a população feminina não estar de acordo com esse estereótipo causou grande controvérsia, sobretudo nas mídias sociais onde as mulheres, movidas por um sentimento de insatisfação, resolveram fazer pública a sua oposição ao ideal postulado pelo texto de Juliana Linhares.

## **2. Linguística textual**

A linguística textual principiou-se no Brasil na década de 1970, porém, apenas nos anos 1980, surgiram os primeiros trabalhos destinados a

estudar o texto. Segundo Leonor Lopes Fávero (2012), em 1981, foi publicado pelo professor doutor Ignácio Antônio Neis, o primeiro livro com o título: *Por uma Gramática Textual*, seguido de mais duas obras publicadas em 1983: *Linguística de Texto – O Que É e Como se Faz*, de Luiz Antônio Marcuschi, e *Linguística Textual – Introdução*, de Leonor Lopes Fávero e Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999) aponta que a tradução de duas obras foi de grande importância para a linguística textual no Brasil. São elas: *Semiótica Narrativa e Textual*, publicada por Claude Carbol em 1977 e *Linguística e Teoria do Texto*, em 1978. Em virtude desse fato, a autora relata que as pesquisas realizadas no Brasil se inspiraram fortemente em estudos realizados na Alemanha, na Holanda, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos (KOCH, 1999, p. 168). A partir de tais informações, é possível afirmar que Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999) e Leonor Lopes Fávero (2012) concordam em que a linguística textual no Brasil passou por três fases até chegar ao momento atual.

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999), no primeiro momento foram publicadas por Luiz Antônio Marcuschi (1983), Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Leonor Lopes Fávero (1983) e Ignácio Antônio Neis (1983) obras introdutórias, com o objetivo de apresentar a linguística textual ao leitor brasileiro e traçar um panorama geral do que se vinha fazendo nesse domínio em outros países.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999) relata que, em 1984, aconteceu a primeira mesa-redonda sobre linguística textual, com o tema “Coerência e Coesão na Teoria do Texto”, dividida por Luiz Antônio Marcuschi (1983), Ignácio Antônio Neis (1983) e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1983). a partir de tal momento, a linguística textual ganhou espaço no Brasil. A autora relata que “os aspectos mais enfatizados na época, como também na segunda metade da década de 1980 foram os critérios da textualidade de Robert-Alain Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1983), especialmente a coesão textual”. Em 1985, Lúcia Kopschitz Xavier Bastos publica a obra *Coesão e Coerência em Narrativas Escolares Escritas*. Posteriormente, a linguística textual e seus critérios ganham destaque em revistas especializadas e anais de congresso.

As obras que inauguraram o segundo momento são a *Coesão Textual*, escrita por Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1989) e a *Coerência Textual*, publicada por Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia, em 1990. Os trabalhos publicados posteriormente também estão

ligados à coesão e à coerência textuais, o que nos permite acreditar que este período da linguística textual no Brasil teve seu foco principal nesses dois fatores da textualidade.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999) relata que o terceiro e atual momento tem início na década de 1990, voltando-se para a “adoção de uma perspectiva sociointeracional no tratamento da linguagem”. A autora acrescenta que:

Tal forma de abordagem dos fenômenos textuais levou a um diálogo crescente com outras ciências humanas como a psicologia cognitiva, a inteligência artificial, a neuropsicologia, a antropologia, a sociologia interacional e as ciências humanas de modo geral. (KOCH, 1999, p. 171)

A partir desse diálogo, na contemporaneidade, a linguística textual adotou uma nova concepção. Luiz Antônio Marcuschi (2008) assegura que a linguística textual da atualidade está voltada para a análise do texto e, a partir da intenção de investigar o texto e sua formação, as pesquisas sobre gêneros textuais vêm se expandindo de maneira considerável.

Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 154 e 155) afirma que “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”, acrescentando que “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. O autor define gênero textual como “os textos materializados em situações comunicativas correntes”, ou seja, “os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos”, isso significa que os gêneros textuais estão inseridos no nosso cotidiano, porém, para que haja compreensão das informações e intenções que estão inseridas nos gêneros é necessário compreender primeiramente os fatores pragmáticos da textualidade.

## **2.1. Critérios pragmáticos da textualidade**

Por meio das leituras a respeito da história da linguística textual, depreende-se que Robert-Alain Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (*apud* KOCH, 2015) apresentam sete fatores pragmáticos da textualidade; dois deles (coesão e coerência) dirigidos ao texto e cinco (situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade) direcionados ao usuário. Por conseguinte, é necessário descrever tais critérios.

Para tanto, é fundamental trazer à tona o embasamento dos principais autores da linguística textual, já mencionados, a saber: Maria da Graça Costa Val (2006), Luiz Antônio Marcuschi (2008), Rita do Carmo Polli da

Silva (2012) e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2015).

Segundo Rita do Carmo Polli da Silva (2012), há necessidade de uma busca de sentido, por esse motivo, os componentes de uma situação de comunicação colaboram com a intenção de dar sentido ao texto, ou seja, o produtor de um texto tenta desenvolver um texto coerente, como também o leitor deseja compreender o que lhe é apresentado, refletindo em um “princípio de cooperação”. Por esse motivo, acredita-se que dificilmente um texto possa ser considerado totalmente incoerente.

Maria da Graça Costa Val (2006) e Luiz Antônio Marcuschi (2008) concordam com a afirmação de Rita do Carmo Polli da Silva (2012) ao declararem que a coerência textual tem a responsabilidade de dar sentido ao texto, resultando do “partilhar de interlocutores” e sendo efetivada principalmente pelo interlocutor de um texto, que interpreta a proposta do autor.

Costa Val (2006) afirma que a coesão está diretamente ligada à coerência, sendo considerada sua manifestação linguística, essa afirmação pode ser explicada através da teoria que será abordada a seguir.

Michael Halliday e Ruqaiya Hasan (*apud* SILVA, 2012, p. 62) consideram que “a coesão ocorrerá sempre que a interpretação de alguns elementos, dentro do texto, depender de outros, podendo ser estabelecida a partir da referência, da substituição, da elipse, da conjunção e do léxico”.

Luiz Antônio Marcuschi (2008) relata que a coesão sequencial é muito trabalhada em sala de aula e envolve o estudo dos conectivos. É importante, então, apresentar os operadores argumentativos que são bastante utilizados.

É indispensável definir também os já mencionados fatores pragmáticos dirigidos ao usuário, que serão conceituados na seguinte sequência: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2015) e Rita do Carmo Polli da Silva (2012) estão de acordo em que a aceitabilidade tem relação direta com a intencionalidade, correspondendo ao posicionamento do receptor do texto, ou seja, a maneira como o leitor observará a obra.

Embasando-se na teoria de Robert-Alain Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1983), Maria da Graça Costa Val (2006, p. 12) certifica que “a situacionalidade diz respeito aos elementos responsáveis pela

pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre e à adequação do texto à situação comunicativa”, ou seja, é necessário refletir em que situação (contexto histórico/político/social) o texto foi publicado e qual é a sua importância nesse momento, para compreender se há ou não relação entre a situação e o texto. Luiz Antônio Marcuschi (2008) corrobora as afirmações anteriores, adicionando que “a situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual”.

Maria da Graça Costa Val (2006) e Rita do Carmo Polli da Silva (2012) possuem pontos de vistas semelhantes a respeito da informatividade, acordando que corresponde às informações postuladas por determinado texto e que essas informações podem ser inéditas ou já conhecidas, previsíveis ou imprevisíveis e até mesmo redundantes. As autoras concordam em que o ideal é que o texto possua um nível médio de informatividade e apresente suficiência de dados, ou seja, informações que tornem possível a sua compreensão. Portanto, é necessário que o texto possua informações novas e antigas, pois, se um texto retrata apenas informações novas, se torna vão; igualmente, não é rico um texto que não retrate nenhuma informação nova, retomando apenas o que já foi discutido.

Rita do Carmo Polli da Silva (2012, p. 99) define a intertextualidade como “um dos grandes temas de estudo da linguística textual”, frisando que “é um recurso que estabelece contato com outros textos”, ou seja, a intertextualidade pode ser considerada como a relação que um texto estabelece com outro; essa ligação se dá por meio de paráfrases, citações, paródias, comentários e outros. Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2015), assim como com Rita do Carmo Polli da Silva (2012), acredita que a intertextualidade está relacionada ao conhecimento de mundo, isto é, para identificar a relação que um determinado texto estabelece com outros, é necessário que o leitor conheça vários outros textos, pois a intertextualidade pode estar presente, até mesmo em nosso cotidiano, e pode apresentar-se tanto em um texto acadêmico, por exemplo, quanto em uma paródia de uma canção famosa.

### **3. Representações sociais**

É necessário refletir sobre o papel das representações sociais para analisar os textos selecionados para este artigo. Para tanto, embasaremos tal análise nos pressupostos teóricos de Denise Jodelet (2001) e Serge Moscovici (2001).

Segundo Denise Jodelet (2001, p. 17), precisamos estar inteirados sobre o mundo no qual vivemos. Somos capazes de nos adaptar a ele, compreendendo-o física e intelectualmente, a fim de solucionar dificuldades que possam surgir, e é por este motivo que idealizamos as representações. A autora acrescenta que as representações sociais “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e vinculadas em mensagens e imagens midiáticas”, o que nos leva a afirmar que as grandes mídias, em geral, ratificam a construção dessas representações, fomentando a circulação de certas ideias no bojo da sociedade.

Denise Jodelet (2001, p. 21) define as representações como “fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social”, onde estão presentes diversos elementos: “informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc.”. A autora caracteriza as representações como “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada”, isto é, as representações sociais, como o próprio nome sugere, advêm de ideais postulados pela sociedade, que através da interação, se vale do senso comum, para criar imagens, estereótipos, rótulos, padrões e outros.

Ainda segundo Denise Jodelet (2001, p. 22), há duas maneiras de identificar as representações sociais: na qualidade de sistemas de interpretação, que gerenciam nossa vinculação com o mundo e com os outros, “de maneira tal que orientam e organizam as condutas e organizações sociais”. E na qualidade de fenômenos cognitivos, relacionam a ligação social dos indivíduos com seus vínculos afetivos, suas experiências e padrões comportamentais advindos da sociedade. Por esse motivo, “seu estudo constitui uma contribuição decisiva para a abordagem da vida mental individual e coletiva”. A partir dessa perspectiva, é possível expor as representações sociais como “produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento”, ou seja, os processos dão existência aos produtos ou conteúdos, através de seu caráter social.

Denise Jodelet (2001) afirma concordar com Serge Moscovici a respeito da complexidade da definição e do tratamento das representações sociais.

Sua posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de conceitos psicológicos (MOSCOVICI, 1976 p.39) implica sua elaboração com processos de dinâmicas social e psíquica e com a elaboração de um sistema teórico também complexo. Por um lado, deve-se levar em consideração o funcionamento cognitivo e o aparelho psíquico, e, por outro, o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, na medida em que afetam a gênese,

a estrutura e a evolução das representações que são afetadas por sua intervenção (JODELET, 2001, p. 26).

A respeito das funções sociais da representação, Denise Jodelet (2001, p. 37) acredita que a representação executa algumas funções na conservação da identidade social e do controle sociocognitivo relacionados a ela. A autora acrescenta que “a abordagem social das representações trata de uma matéria completa e diretamente observável”, o que significa que é uma abordagem clara e com possibilidade de compreensão.

Para Denise Jodelet (2001, p. 38), “os processos de formação das representações explicam sua estruturação”, não obstante os aspectos de desenvolvimento. Essa ideia se relaciona à objetivação, que, segundo a autora, foi observada por Serge Moscovici (2001), enfatizada e desenvolvida por diferentes autores. É possível reconhecer três fases pelas quais este recurso é composto: “construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização”. As duas primeiras apresentam, como foi exposto em parágrafos anteriores, “o efeito da comunicação e das pressões, ligadas à pertença social dos sujeitos, sobre a escolha e a organização dos elementos constitutivos da representação”.

O processo de ancoragem reflete o conteúdo e a estrutura das representações sociais. Denise Jodelet (2001, p. 39), afirma que “por um lado, a ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações”, posicionando-os no tocante aos valores sociais e dando-lhes coerência. Porém, nesse ponto a ancoragem exerce papel decisório. De outro modo, a ancoragem “serve para a instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para a gestão do ambiente”, dessa forma, é possível afirmar que a ancoragem dá seguimento à objetivação.

Serge Moscovici retoma, em 1961, o estudo das representações sociais, por meio de uma pesquisa voltada para a psicologia social. Dentro desse campo de estudo, o autor afirma que “as representações lhe permitiriam estudar os problemas da cognição e dos grupos”, a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e gênese do senso comum. (MOSCOVICI, 2001, p. 45)

Serge Moscovici (2001, p. 47) embasa-se na teoria de David Émile Durkheim (1968), que delimita as representações, separando-as em representações coletivas e representações individuais. Para esse autor, a representação indica primordialmente, “uma ampla classe de formas mentais (ciências, religiões, mitos, espaço, tempo), de opinião e de saberes sem distinção”.

De maneira geral, David Émile Durkheim (*apud* MOSCOVICI, 2001, p. 47) contrapõe as representações coletivas às representações individuais por meio de um critério: “a estabilidade da transmissão e da reprodução de algumas, a variabilidade ou o caráter efêmero de outras”. A partir dessa afirmação, Serge Moscovici (2001) declara que as representações coletivas são coerentes e espelham a prática do real, porém, conforme imaginam algo ideal, apartam-se do coerente.

Com relação às representações coletivas, Serge Moscovici (2001, p. 51) afirma que o sujeito “sofre a pressão das representações na sociedade”, isto é, a sociedade oprime o homem com estereótipos e padrões a serem seguidos. Durante a análise, é visto que isto aparece claramente no texto de Juliana Linhares publicado em *Veja*, a começar pelo título, no qual Marcela Temer é descrita como uma mulher “bela, recatada e do lar”. O artigo gerou grande polêmica com vasta repercussão nas redes sociais, que criticaram não o modo de portar-se da vice-primeira-dama, mas sim a forma pela qual foi imposto no texto através da representação (imagem) de Marcela Temer, um modelo/padrão de mulher, o qual todas as brasileiras deveriam seguir.

Ainda segundo Serge Moscovici (2001, p. 63), para que as representações coletivas dessem lugar às representações sociais, foi preciso que tais representações entrassem no domínio comum, indicando outra estrutura e particularidades mentais.

O autor acrescenta que ao identificar que as representações são concomitantemente “construídas e adquiridas”, inviabiliza-se essa face predefinida e inerte que as definia no ponto de vista clássico, isso significa assimilar não uma vida social preestabelecida, mas uma vida social em construção. O caráter moderno do fenômeno intitulado representação social possui um cunho atual, porque sobrevivem na sociedade, “mitos, lendas e formas mentais coerentes nas sociedades tradicionais”, isto quer dizer que as representações sociais surgem para substituir e corrigir, de certa forma, alguns erros do pensamento da sociedade antiga, atualizando-a. (MOSCOVICI, 2001, p. 63)

**4. Análise dos artigos de opinião publicados em *Veja* e *Carta Capital***

**Texto 1 – “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”**

– **Juliana Linhares** (*Veja*, 18/04/2016)

Juliana Linhares é jornalista, formada pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); é editora da revista *Veja* há 14 anos. Seu currículo comporta também passagens por jornais como *Folha da Tarde* e *Agora São Paulo*. É importante expor que a jornalista já escreveu outros textos sobre mulheres, um deles sobre a princesa Kate Middleton.

O lançamento da revista *Veja* ocorreu em 11 de setembro de 1968 e sua primeira edição foi intitulada “Veja e leia”. Demorou alguns anos até que a revista se consolidasse, porém o fato de ser publicada pela Editora Abril contribuiu bastante para que isso acontecesse, devido ao seu prestígio e estrutura. No início da década de 1980, a revista alcança uma média de 400 mil exemplares semanais e 340 mil assinantes. Na contemporaneidade, *Veja* já é considerada prática habitual de leitura da classe média brasileira.

O referido texto em análise, Texto 1, foi publicado um dia após a votação realizada pelo plenário, que decidiu pelo afastamento de Dilma Rouseff por até 180 dias, o que tornaria o então vice-presidente Michel Temer, presidente interino. Nesse momento, os olhos da população brasileira estavam voltados para o vice-presidente. Nada mais original e chamativo do que produzir um artigo enaltecendo a esposa do possível novo dirigente do país.

Por meio da leitura do texto de Juliana Linhares, como também de seus desdobramentos, é possível perceber que este texto, de maneira geral não foi bem recebido pelo público leitor, especialmente o público feminino. Porém, não é aceitável afirmar que a publicação seja totalmente incoerente, pelo fato de possuir informações verdadeiras. O que gerou a grande polêmica que envolve o artigo, não foram as informações por ele passadas, e sim a forma como essas informações foram colocadas dentro do texto, retratando a postura de Marcela Temer como um exemplo que deveria ser seguido.

Maria da Graça Costa Val (2006) afirma que a coesão está diretamente ligada à coerência. Para investigar a coesão do texto em análise, é fundamental expor que os operadores argumentativos têm por função demonstrar a força argumentativa nos enunciados e são bastante utilizados em artigos de opinião, como também, em apresentar os operadores

argumentativos encontrados no texto, a saber:

Nem (exclusão)	Mas oposição	E, também (adição)
----------------	--------------	--------------------

“A paixão não arrefeceu com o tempo *nem* com a convulsão política que vive o país”.

Segundo Maria Helena de Moura Neves (2011), o operador argumentativo *nem* marca uma relação de adição de segmentos negativos ou privativos. A partir dessa afirmação, é possível declarar que na oração em análise o *nem* acrescenta uma informação negativa.

“Ela se refez do sobressalto, *mas* não se resignou – ainda quer ter uma menininha”.

Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 756) afirma que, “como coordenador, o *mas* evidencia exterioridade entre os dois segmentos coordenados, e, a partir daí, coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro”, e que essa desigualdade é especificada de acordo com as condições contextuais, ou seja, o *mas* marca uma oposição entre o elemento que vem antes e o que virá depois.

“Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma *também*”.

Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 739) afirma que a conjunção E torna evidente “a exterioridade entre os dois segmentos coordenados, e, a partir daí, acresce um segundo segmento a um primeiro”. Na oração em análise, percebemos que o e adiciona mais uma informação sobre os afazeres de Marcela Temer; nesse sentido, o *também* atua da mesma forma, adicionando mais uma ideia ao período.

Maria da Graça Costa Val (2006), Luiz Antônio Marcuschi (2008) e Rita do Carmo Polli da Silva (2012) compartilham da mesma perspectiva com relação à intencionalidade, acordando que é um critério direcionado basicamente ao produtor do texto, referindo-se às suas intenções comunicativas. Nesse sentido, nota-se que a autora do texto tem a intenção de enaltecer Marcela Temer como modelo /padrão/exemplo de mulher e define qualidades que compõe esta mulher estereotipada, são elas: beleza, modéstia e domesticidade.

Com relação à aceitabilidade, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2015) e Rita do Carmo Polli da Silva (2012) tem opinião similar, ao

afirmar que esse princípio está diretamente ligado à intencionalidade, correspondendo ao posicionamento do receptor do texto, ou seja, a maneira como o leitor observará a obra. No que tange à aceitabilidade, inferimos que o texto 1 não foi bem recebido pelo grande público, especialmente o feminino, o qual, como já disse, não se identificou com a representação social de mulher construída por Juliana Linhares. A abordagem sugerida pela autora, no que diz respeito à figura de Marcela Temer, distancia-se do estereótipo de mulher brasileira. Tal questão motivou a produção do texto “Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792”, de Djamilia Ribeiro, que será analisado neste trabalho. É importante salientar que há outros desdobramentos produzidos, mas que, por uma questão de recorte, não foram contemplados no presente artigo.

Maria da Graça Costa Val (2006) afirma que é necessário refletir em que situação (contexto histórico/político/social) o texto foi publicado e qual a sua relevância nesse momento, para compreender se há ou não relação entre a situação e o texto. Dessa forma, é possível afirmar no que tange à situacionalidade que o texto 1 tem relação com o contexto no qual foi publicado, por ter sido escrito num momento bastante propício, quando Michel Temer provavelmente se tornaria presidente interino e os olhos do país voltam-se para ele, a autora se vale desse acontecimento para expor e enaltecer a esposa do possível novo dirigente do país.

Maria da Graça Costa Val (2006) e Rita do Carmo Polli da Silva (2012) acreditam que a informatividade corresponde às informações postuladas por determinado texto e que essas informações podem ser inéditas ou já conhecidas, previsíveis ou imprevisíveis e até mesmo redundantes. A partir de tais afirmações, é possível perceber que o texto 1 possui baixo grau de informatividade, já que não apresenta nenhuma informação nova sobre Marcela Temer, ao contrário, expõe informações já conhecidas e as utiliza para argumentar com o leitor, defendendo seu ponto de vista.

Rita do Carmo Polli da Silva (2012) define a intertextualidade como um recurso que estabelece a relação de um texto com outros textos, isso pode acontecer por meio de paráfrases, paródias, citações, comentários e outros. Dessa maneira, é possível afirmar que os textos apresentados dialogam entre si, por conseguinte, o texto 1 pode ser considerado ponto de partida para o texto publicado na revista *Carta Capital* em oposição ao texto publicado na revista *Veja*. Censurando-o e criticando-o, de maneira clara, com intenção de demonstrar indignação com relação ao texto de Juliana Linhares.

Denise Jodelet (2001) caracteriza as representações como uma forma de conhecimento elaborada e partilhada pela sociedade, isso nos sugere que as representações advêm de ideais postulados pela sociedade que por meio da interação, vale-se do senso comum, para criar imagens, estereótipos, rótulos, padrões e outros.

A autora do texto 1 faz uso de vários adjetivos, bem como locuções adjetivas para caracterizar Marcela Temer, com a finalidade de enaltecê-la, dentre eles é possível destacar alguns:

Jovem	De sorte	Do lar	Recatada
“43 anos mais jovem”			
“Marcela Temer é uma mulher de sorte”			
“Marcela é uma vice-primeira-dama do lar”			
“Sempre foi recatada”			

A autora do texto 1 cria um perfil de Marcela Temer, baseado em padrões preestabelecidos pela sociedade, de que todas as mulheres devem ser bonitas. Ademais, Juliana Linhares faz uso de informações da vida pessoal de Marcela Temer para criar uma imagem, reunindo nela todos os atributos para compor a mulher que esta julga ser perfeita. As principais exigências para estar enquadrada no exemplo que ela propõe seriam: ser uma mulher bonita, modesta; discreta e caseira.

Tais representações sociais comentadas podem ser encontradas nos seguintes trechos:

“Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão”.

“Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma”.

“Marcela é uma vice-primeira-dama do lar”.

“Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos... e foi seu primeiro namorado”.

A autora comenta, em seu texto, que Marcela Temer frequentou por um tempo o salão de um famoso cabelereiro, Marco Antônio de Biaggi. Ao ser entrevistado pela autora, afirmou que Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly” – A mulher citada pelo cabelereiro, é Grace Kelly de Mônaco, considerada além de um ícone da moda, a princesa mais bonita da história –, isto pode ser considerado mais um indício da imagem construída a partir da figura de Marcela Temer, pois Grace Kelly é uma referência no que diz respeito à beleza.

Serge Moscovici (2001, p. 51) afirma que o sujeito “sofre a pressão das representações na sociedade”. Isso significa que a sociedade oprime as mulheres com estereótipos e padrões a serem seguidos. Essas informações estão refletidas no texto 1, a começar pelo seu título, no qual Marcela Temer é descrita como uma mulher “Bela, recatada e do lar”.

## **Texto 2 - Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792**

– **Djamila Ribeiro** (*Carta Capital*, 20/04/2016)

Djamila Ribeiro é colunista da revista *Carta Capital*, escritora e pesquisadora no campo da filosofia política e feminista. Desta maneira, seus textos são, em sua maioria, voltados para a questão do feminismo, dos direitos da mulher e das minorias. A *Carta Capital* é uma revista de publicação semanal, fundada no ano de 1994, somando treze anos de existência, produzida pela Editora Confiança. O referido texto em análise, texto 2, foi publicado dois dias após o texto 1, com a intenção de se opor ao ideal postulado pelo texto de Juliana Linhares.

O texto 2 reflete a insatisfação com relação às informações transmitidas pelo texto 1. É, nesse sentido, possível afirmar que o texto de Djamila Ribeiro também possui coerência, por apresentar informações verdadeiras e temas relevantes, tais como: o machismo, a misoginia e o feminismo.

Para verificar a coesão do texto em análise, é fundamental atentar-se aos conectivos, dessa maneira, apresentaremos os principais operadores argumentativos encontrados neste texto, são eles:

E (Adição)	OU (Disjunção)
---------------	-------------------

“O texto soava elogioso ao fato de Marcela ser discreta, falar pouco e usar saias na altura dos joelhos”.

Segundo Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 739), o E “marca uma relação de adição entre os segmentos coordenados”. O que significa que o operador argumentativo e une duas características atribuídas a Marcela Temer: “ser discreta” E “usar saias na altura dos joelhos”.

“... E que tem o direito de ser como quiser, sem julgamentos à sua moral **ou** capacidade.”

Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 771) relata que a conjunção coordenativa *ou*, como se disse, indica a disjunção ou alteração entre dois elementos e aponta que na disjunção inclusiva “os elementos se somam”. Na dada oração em análise, é possível identificar uma disjunção inclusiva, pois, Djamilia Ribeiro relata que a mulher não pode ser julgada apenas pelo fato de ser mulher, pois isso não interfere em sua capacidade ou eficácia.

Com relação à intencionalidade, é possível afirmar que Djamilia Ribeiro escreve seu texto com a intenção de protestar contra o estereótipo de mulher perfeita idealizado pelo texto 1, como também contra o papel secundário que a mulher vem assumindo na sociedade, “à sombra, nunca à frente”.

No que tange à aceitabilidade, observa-se que a autora do texto 2 se vale de algumas estratégias para persuadir seu público leitor. Uma delas é a apresentação de argumento de autoridade, Djamilia Ribeiro cita nomes de filósofos como Mary Wollstonecraft e Jean-Jacques Rousseau para enriquecer seu texto. O uso de tais argumentos contribui para respaldar as ideias apresentadas pela autora.

Quanto à situacionalidade, é possível afirmar que a escritora publica seu texto num momento bastante propício, três dias após a votação que aprovou o afastamento de Dilma Roussef da presidência do país e apenas dois dias após a publicação do texto de Juliana Linhares, o que torna o artigo de Djamilia relevante com relação ao contexto histórico, político e social.

Depreende-se que o texto 2 possui baixo grau de informatividade, pois, apesar de conter explicações que tornam possível sua compreensão, não possui informações novas sobre o assunto, apenas se utiliza de informações já existentes para dialogar com o leitor e argumentar em favor de suas ideias.

No que tange à intertextualidade, é possível afirmar que o texto 2 dialoga com o texto 1 por meio de paráfrases, a começar pelo próprio título. Da mesma forma, dialoga também com outros textos divulgados na mídia, pelo fato de todos eles se tratarem de críticas ao texto de Juliana Linhares (Texto1).

Com relação às representações sociais presentes no texto 2, é possível afirmar que Djamilia Ribeiro apresenta críticas à representação de Marcela Temer exposta no texto 1, alguns trechos do texto 2 podem

comprovar tal afirmação:

Mas, é como se dissessem: mulher boa é a esposa, a primeira dama, a “que está por trás de um grande homem”.

No dado trecho em análise, Djamila desaprova a ideia de que a mulher deve obrigatoriamente casar-se e ocupar um lugar secundário na sociedade, estando “por trás de um grande homem”.

“Ao enaltecer Marcela Temer como a mulher que todas devem ser, à sombra, nunca à frente”.

Através desse trecho, a autora confirma sua insatisfação com relação à desigualdade de gêneros, enfatizando que a mulher tem capacidade de estar à frente do homem e pode fazê-lo, se assim desejar.

## 5. *Considerações finais*

O desenvolvimento do presente trabalho objetivou a realização de uma análise do texto “Bela, recatada e do lar”, escrito por Juliana Linhares e publicado na revista *Veja* em cenário de efervescência política no Brasil, durante o processo de afastamento da então presidente Dilma Roussef. O presente estudo permitiu também observar, no contraponto, o texto da Djamila Ribeiro, escritora feminista, publicado na revista *Carta Capital*. Para compor a análise desta pesquisa, foi necessário situar o contexto histórico de produção dos artigos, o que os tornou relevantes no que cerne à intencionalidade – um dos critérios pragmáticos da textualidade verificados durante a análise.

No decorrer da análise, ancorados nas representações sociais, conceituadas por Denise Jodelet (2001) e Serge Moscovici (2001), nos critérios pragmáticos da textualidade, propostos por Robert-Alain Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (*apud* KOCH, 2015) e observando também os recursos linguísticos utilizados no texto, foi possível perceber que Juliana Linhares utilizou recursos como adjetivos e operadores argumentativos para construir uma representação social de Marcela Temer como mulher ideal, utilizando informações da vida pessoal da personagem que ressaltam esse estereótipo.

Desta forma, Juliana Linhares se vale de dados verdadeiros relativos à Marcela Temer, todavia, tal exposição ocorre de modo estratégico, com a possível intenção de criar uma personagem, reunindo nela

qualidades a fim de constituir uma mulher que a autora idealiza como perfeita, dentre essas, é possível destacar: ser contida, serena e caseira. Ao longo da análise, constatou-se que a abordagem sugerida com relação à figura de Marcela Temer, destoa-se do estereótipo da mulher brasileira, pela repercussão negativa que causou no grande público.

Essa ideia, nesse sentido, pode ser ratificada pela produção do artigo de Djamila Ribeiro, um texto extremamente crítico, que corrobora uma oposição ao “Bela, recatada e do lar”, tendo por objetivo, tanto demonstrar a repercussão que o artigo de Juliana Linhares causou nas mídias sociais, como a opinião da autora com relação ao conteúdo do texto. A escritora feminista fez questão de deixar claro que os protestos não eram contra a pessoa de Marcela Temer e, sim, contra a maneira pela qual o comportamento da personagem foi descrito como modelo/padrão.

Ao analisar o papel das representações sociais inseridas nessas mídias, é possível pensar as funções dos fatores pragmáticos da textualidade dentro dos textos analisados. Assim como, observar que as estratégias argumentativas utilizadas são características particulares do gênero textual artigo de opinião e do tipo textual argumentativo, seu uso possibilita construir junto ao público que o alcança, uma personagem que será bem recebida como primeira-dama da nação. Ressalta-se, portanto, a importância de refletir sobre as representações sociais, a fim de possibilitar ao público alvo dessas mídias, o acesso a uma interpretação textual mais eficaz, que o capacite a analisar criticamente as informações que recebe no seu cotidiano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1983.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes. Linguística textual: memória e representação. *Filologia, Linguística e Português*, São Paulo, vol. 14, n. 2, p. 225-233, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v14i2p225-233>>. Acesso em: 03-07-2019.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da linguística textual no Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, p. 165-180, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4015.pdf>>. Acesso em: 09-09-2017.

LINHARES, Juliana. Bela, recatada e do lar. Como será. *Veja*, São Paulo, 18 abr. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 47-64.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. São Paulo: UNESP, 2011.

RIBEIRO, Djamila. Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792, *Carta Capital*, São Paulo, 20 abr. 2016.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A linguística textual e a sala de aula*. Curitiba: Intersaberes, 2012.